

“Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo

Bárbara Araújo Machado*

Introdução

Neste artigo, trago alguns resultados da minha dissertação de mestrado, intitulada “*Recordar é preciso*”: *Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008)*. Tal pesquisa teve início em 2010, quando da realização da monografia de conclusão do curso de história. Naquele ano, quando eu procurava um tema para construir o projeto de monografia, soube de um evento que seria realizado na favela de Acari, no Rio de Janeiro, para celebrar os 96 anos do nascimento da escritora Carolina Maria de Jesus, mulher negra e moradora de uma favela em São Paulo. Uma rápida pesquisa sobre Carolina na internet me levou ao nome da escritora negra Conceição Evaristo. Do nome à obra literária, da obra literária ao fascínio: mais do que um objeto de pesquisa interessante, que me possibilitaria refletir sobre questões sociais que me preocupam enquanto militante, as palavras escritas por Conceição haviam ultrapassado a mim, historiadora, para emocionar a mim, poeta e leitora de poesia.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946 em uma favela na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Após ter se formado em uma Escola Normal no início da década de 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro para ingressar no magistério público. No Rio, Conceição encontrou um Movimento Negro cada vez mais intenso, em consonância com um momento

* Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

histórico marcado pela luta da população negra norte-americana por direitos civis e pelos movimentos de descolonização dos países africanos. Em 1976, iniciou a graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, interrompida em 1980, por conta do nascimento de sua filha Ainá, e concluída no ano de 1989. Durante a década de 1980, Conceição participou do grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo. O grupo atuava realizando recitais de textos literários em favelas, presídios e bibliotecas públicas, entre outras atividades. Em 1990, Conceição publicou seu primeiro poema nos *Cadernos Negros*, editados pelo grupo paulista Quilombhoje. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos *Cadernos*, além de dois romances (2003, 2006), uma coletânea de poemas (2008) e um livro de contos (2011a). Além disso, Conceição Evaristo é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011b). Assim, além da obra literária, ela também tem produzido reflexões de cunho acadêmico sobre literatura negra brasileira e literatura africana.

Neste artigo, analisei uma declaração proferida por Conceição Evaristo em um encontro de escritoras (cuja versão escrita me foi cedida pela própria autora), bem como duas entrevistas que realizei com ela – a primeira em 2010, no contexto da feitura de minha monografia, e a segunda em 2013, já no mestrado. Tal análise busca responder duas questões gerais. A primeira trata da relação entre a trajetória da autora e o desenvolvimento histórico do Movimento Negro. Mais particularmente, a análise de sua trajetória possibilita perceber a complexa interseção entre a questão racial, a de gênero e a de classe conforme experimentadas por Conceição. A segunda questão a ser respondida diz respeito à dinâmica de funcionamento do campo editorial da literatura negra no Brasil. Creio que a discussão de tais questões pode ajudar a compreender a atuação militante de escritoras e escritores negros na contemporaneidade, suas conquistas e seus desafios em uma sociedade ainda marcada pela discriminação racial.

A trajetória de Conceição Evaristo

Tanto na obra de Márcia Contins (2005) quanto na de Verena Alberti e Amílcar Pereira (2007) – que reúnem entrevistas com militantes do Movimento Negro brasileiro – há questionamentos aos/às entrevistados/as sobre

o momento de “tornar-se negro” (Contins, 2005) ou de tomar “consciência da negritude” (Alberti; Pereira, 2007).¹ De fato, *consciência* é uma palavra fundamental para o Movimento Negro contemporâneo. É comum dizer, por exemplo, que a luta contra-hegemônica realizada por esses/as intelectuais consiste principalmente na *conscientização* da população negra. Michael Hanchard afirma que “a consciência racial representa o pensamento e a prática dos indivíduos e grupos que reagem à sua subordinação com uma ação individual ou coletiva, destinada a contrabalançar, transpor ou transformar as situações de assimetria racial” (Hanchard, 2001, p. 31).

É possível aprofundar a compreensão da questão da consciência no Movimento Negro se considerarmos a formulação de Thompson do conceito de *consciência de classe*, intimamente relacionado ao de *experiência*. Segundo o autor, é a partir de experiências comuns que um grupo (classe) identifica seus interesses entre si e contra outro grupo social – processo a partir da qual toma forma a consciência (Thompson, 1987, p. 10). Nesse sentido, o “tornar-se negro” experimentado pelos/as militantes do movimento é um processo decisivo para a reflexão sobre sua atuação política. Conceição Evaristo, em entrevistas e depoimentos escritos, remonta seu processo de perceber-se como negra e pobre:

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no curso primário experimentei um *apartheid* escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o curso primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. (Evaristo, 2009, p. 1-2).

1 Para utilizar uma linguagem inclusiva de gênero, optei por, ocasionalmente, usar as desinências de gênero masculino e feminino na mesma palavra, separando-as por barra (exemplo: “intelectual orgânico/a”; “estudiosa/o”).

Quando a entrevistei, Conceição localizou na vida escolar o momento em que se percebeu como negra. Já no depoimento supracitado, a autora relaciona essa percepção com um estranhamento em relação à sua certidão de nascimento:

Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de *cor parda*, filho da senhora tal, que seria ela [a mãe de Conceição]. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa *cor parda*. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia, sim, sempre soube, que sou negra. (Evaristo, 2009, p. 1-2, grifo no original).

Ao dizer que “sempre soube” que era negra, Conceição utiliza um recurso narrativo que nos dá uma importante pista quanto ao sentido geral que ela pretende conferir ao seu depoimento. Afirmar-se negra ante a denominação *parda*, presente em um documento oficial, configura um ato contestatório realizado já na tenra infância. Mais do que saber desde pequena que era negra, Conceição diz perceber-se como negra desde *sempre*, atemporalmente. Alessandro Portelli explica que as narrativas que as pessoas fazem de si são “artefatos verbais” moldados pela percepção e interpretação têm de si mesmas e de suas palavras (Portelli, 1991a, p. 118). Enquanto Pierre Bourdieu vê na construção de um sentido de si, no tornar-se “ideólogo de sua própria vida”, uma “ilusão biográfica” (Bourdieu, 2006, p. 184), Portelli percebe aí uma subjetividade enriquecedora para a análise. Com isso em vista, uma construção narrativa como a do trecho acima pode revelar a intenção de Conceição de reforçar um posicionamento político e uma característica contestadora como inerentes a ela.

A “consciência da negritude” (Alberti; Pereira, 2007), para Conceição, está ainda ligada à sua condição de classe. Ela conta que sua relação com a literatura “passa pela cozinha, pelas cozinhas alheias”, porque as mulheres de sua família trabalharam como empregadas domésticas para famílias de importantes escritores/as mineiros/as, como Otto Lara Resende, Alaíde Lisboa de Oliveira e Henriqueta Lisboa (Evaristo, 2010). A questão de classe e a percepção de si não apenas como negra, mas como *subalterna*, aparece no trecho a seguir:

O pai de Henriqueta Lisboa, doutor João Lisboa, era padrinho dessa minha irmã mais velha, padrinho de batismo. Era um tempo ainda em que essas relações de subalternidade eram também marcadas por uma relação de

compadrio. Então você ter alguém de uma classe superior com quem você tivesse uma certa relação... era interessante. Então essa minha irmã, também foi só ela, que todos nós depois... as relações de compadrio já foram com pessoas da mesma classe social da gente. Então eu gosto de brincar muito que a relação minha com a literatura parte desse lugar de subalternidade. (Evaristo, 2010).

Conceição conta que ela mesma trabalhou como doméstica desde os oito anos, alternando essa atividade com a de levar crianças vizinhas para a escola e ajudá-las nas tarefas de casa, o que “rendia também uns trocadinhos” (Evaristo, 2009, p. 1). Além disso, ela participava com a mãe e a tia “da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas” (Evaristo, 2009, p. 1). Sobre essa atividade, há uma bela passagem em um de seus depoimentos escritos, marcante pela forma literária com que escolhe contá-la:

Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e às vezes, até constrangedora, era no momento da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras:

4 lençóis brancos,
4 fronhas,
4 cobre-leitos,
4 toalhas de banho,
4 toalhas de rosto,
2 toalhas de mesa,
15 calcinhas,
20 toalhinhas,
10 cuecas,
7 pares de meias,
etc, etc, etc.

As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz-conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava. E quando eu, menina, testemunhava as toalhinhas antes embebidas de sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia. As

mulheres de minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando. (Evaristo, 2005, p. 2).

Essa passagem é muito interessante para compreendermos a presença da interseção das questões de classe, raça e gênero na experiência de Conceição, que marcará toda a sua produção literária. Aqui, Conceição distingue as “mulheres brancas e ricas” – as “patroas” – de forma aguda, retratando-as como de natureza tão diferente das mulheres de sua família – as lavadeiras – que chegavam a ter um traço biológico diferente, estranho: urinar sangue. Não se tratava de uma confusão infantil, mas de um crescimento da compreensão, segundo ela. A relação de subalternidade é evidenciada no fato de que a menina Conceição entrava em contato direto com “as toalhinhos antes embebidas de sangue” de suas patroas, enquanto jamais havia tido qualquer notícia daquelas que pertenciam às mulheres da sua própria família – da sua cor, da sua classe. As desigualdades no ser mulher que Conceição revela nesse trecho são ligadas por ela à função “utilitária” e “constrangedora” da escrita. O constrangimento, assim, é útil na medida em que evidencia as relações de subalternidade que a autora deseja denunciar.

A relação entre mulheres aparece de forma diversa quando Conceição trata do convívio entre as de sua família:

Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como ‘cabeça’ da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. (Evaristo, 2005, p. 4).

É frequente nas narrativas de Conceição Evaristo que ela se apresente como parte de uma “escola” de escritoras negras, moradoras de favelas (Evaristo,

2010). Ela fala em diversos depoimentos sobre a importância que a obra de Carolina Maria de Jesus, “a favelada do Canindé [que] criou uma tradição literária”, exerceu não só sobre ela, mas sobre sua mãe, que “seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela” (Evaristo, 2009, p. 1).² Ela conta que sua família lia a obra de Carolina “não como leitores comuns, mas como personagens das páginas de Carolina. A história de Carolina era nossa história” (Evaristo, 2010). Além de referir-se à identificação com a experiência de Carolina de Jesus por ser uma mulher negra e moradora de favela que escreveu literatura, Conceição ressalta o significado por trás dessa escrita:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (Evaristo, 2010).

Sobre esse ponto, vale considerar a argumentação da intelectual negra norte-americana bell hooks,³ que afirma que o corpo da mulher negra, desde a escravidão até a atualidade, “tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina ‘natural’, orgânica, mais próxima da natureza, animalística e primitiva” (hooks, 1995, p. 468). Essa formulação discursiva atua para tornar o domínio intelectual um lugar interdito, já que “mais do que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’” (hooks, 1995, p. 469). Diante disso, hooks defende que é essencial para a luta de libertação das mulheres negras que elas ocupem esse espaço interdito do trabalho intelectual. É nesse sentido que Conceição assinala a importância de que mulheres como ela, sua mãe e Carolina de Jesus se afirmem enquanto escritoras.

2 Carolina Maria de Jesus (1914-1977) é autora de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1950). *Best-seller* à época de sua publicação e traduzido em 13 idiomas desde então, o livro narra as mazelas e discriminações enfrentadas pela autora na periferia de São Paulo.

3 “bell hooks” é o pseudônimo da feminista negra norte-americana Gloria Jean Watkins, que o adota grafado em letras minúsculas – grafia que emprego também aqui.

Quanto ao seu engajamento na militância política, Conceição Evaristo costuma localizá-lo no momento em que se mudou para o Rio de Janeiro, no início dos anos 1970. Entretanto, ela revelou, em uma das entrevistas que fez, ter participado de movimentos sociais ainda em Belo Horizonte, nos anos que antecederam a ditadura militar:

Naquele momento a Igreja Católica tem uma preocupação muito grande em ser uma igreja dos pobres. E aí nesse momento – minha família inteira é católica – eu descubro o movimento operário de inspiração católica [...]. Eu era da JOC [Juventude Operária Católica], do movimento de domésticas também, que era uma célula dentro da própria JOC, então tinha a célula das domésticas e eu vivi uns dois anos [nela]... (Evaristo, 2013).

Como é comum em depoimentos de intelectuais do Movimento Negro brasileiro, Conceição assinala a ausência da discussão sobre o racismo em organizações de esquerda como a JOC:

Foi muito marcante porque nesse momento, apesar de eu ter uma consciência já da questão social por vivência, mas nesse momento eu começo a perceber a amplitude dessa questão social. Mas a questão étnica realmente, a questão racial, porque esses movimentos, eles não discutem a questão racial, pra eles tudo é só social, a questão racial eu vim realmente me inserir e ter um discurso mais veemente aqui no Rio de Janeiro. (Evaristo, 2013).

É interessante notar que, ainda que a autora localize “o momento da militância” como sendo o do Rio de Janeiro, suas ressalvas revelam um contato não só com “a questão social”, mas com “a questão racial” ainda em Belo Horizonte:

O momento da militância é o momento aqui do Rio de Janeiro [...] Se bem que Belo Horizonte é um caso interessante. [...] Em 1972 em Belo Horizonte a gente já ouvia os ecos do Movimento Negro dos Estados Unidos, porque em 1972 eu já usava o cabelo *black power*, influenciada por Angela Davis. Quando eu vim pro Rio fazer o concurso pro magistério, eu já usava o cabelo *black power*. Então nesse momento em Belo Horizonte eu já recebo ecos de movimento negro. É essa questão do famoso lema, “*Black is beautiful*”. Então naquele momento lá em Belo Horizonte, agora que eu

estou me recordando, eu já compactuava com esse ideal. Agora, em termos de militância mesmo, de Movimento Negro, assim, como luta coletiva, eu venho conhecer melhor é no Rio de Janeiro. (Evaristo, 2010).

Note-se como é feita uma diferenciação da afirmação estética do *black power* em relação à “luta coletiva”, essa sim sendo a “militância mesmo”. Em sua reconstrução narrativa do passado, a autora busca em suas recordações elementos que revelem seu engajamento na luta antirracista. Nesse sentido, apesar do marco inicial de sua militância ter sido estabelecido na mudança para o Rio de Janeiro, dizer “agora que eu estou me recordando, eu já compactuava com esse ideal” revela uma leitura daquele momento informada por sua vivência posterior, a partir da qual pôde classificar seu comportamento como já afirmativo de uma identidade negra.

Em entrevista realizada posteriormente surge outra lembrança de militância negra ainda em sua cidade natal:

Apesar de que houve um momento também que eu participei do Movimento Negro de Belo Horizonte, que era Movimento Negro brasileiro... Tinha o Movimento José do Patrocínio, que eu participei de uma atividade ou outra, mas também eu era muito nova, então eu não tinha nenhum embasamento político, eu vim adquirindo-o ao longo do tempo aqui no Rio de Janeiro. (Evaristo, 2013).

O “Movimento José do Patrocínio” ao qual Conceição se refere é a Associação Cultural, Beneficente e Recreativa José do Patrocínio, criada em 1952 na capital mineira e atuante nas décadas de 1950 e 1960 (Silva, p. 2010). Andréia Silva afirma que a associação definia-se em estatuto como “apolítica” e dizia ter “por finalidade ampliar e cultivar os conhecimentos da coletividade brasileira, proporcionando-lhe, gratuitamente, assistência social, cultural, beneficente e recreativa” (Silva, 2010, p. 54). Na prática, foi criada e frequentada por pessoas negras mineiras e funcionava como um espaço possível de socialização diante da exclusão sofrida por elas nos demais espaços. Esse tipo de iniciativa, predominante nas primeiras fases do Movimento Negro brasileiro (até o golpe militar), constituiu, segundo Petrônio Domingues, “uma estratégia [...] empregada pelo grupo negro para compensar: em um primeiro momento, as atrocidades do cativo; e em um segundo momento, o seu processo de marginalização no pós-abolição” (Domingues,

2005, p. 314). Assim, elas tinham um caráter de assimilação social da população negra, e não tanto de contestação, como viria a ocorrer a partir dos anos 1970. Esse caráter assimilacionista e recreativo da Associação José do Patrocínio pode explicar o motivo pelo qual Conceição minimiza sua participação nela, percebendo-a como acrítica.

Diante da dinâmica baseada em indicações e troca de influências implicada em conseguir um trabalho como professora em Belo Horizonte, Conceição conta ter decidido se mudar para o Rio para prestar concurso público para o magistério. O ano de 1973, quando chega na cidade, é aquele que

[...] marca mesmo essa visão pra mim de Movimento Negro como luta coletiva. [A partir] daí é que eu vou *descobrir a cultura negra*. Aqui no Rio de Janeiro que eu vim conhecer candomblé, porque lá em Minas eu não conhecia, nós somos extremamente católicos. Então aqui no Rio [foi um momento] marcado justamente pelas lutas de libertação das colônias portuguesas, que marcou muito; não só colônias portuguesas, a gente ouvia falar de [William] Seymour, ouvia falar de Patrice Lumumba... Essa afirmação dos valores negros *como cultura*, como *possibilidade política*, isso vai ser em 73. (Evaristo, 2010; grifos meus).

A percepção da existência de uma cultura negra que ultrapassa a barreira nacional para abarcar toda uma dimensão diaspórica – as pessoas negras norte-americanas, as das ex-colônias africanas – relaciona-se com uma das características principais do Movimento Negro contemporâneo: a criação de uma identidade negra positivada, de sentido político, que faz frente ao racismo dominante. Assim como contam muitos/as outros/as militantes negros/as no Rio de Janeiro na década de 1970, Conceição frequentava os debates e discussões no IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras), entre outras atividades do movimento, que tinham o objetivo de fazer conhecer a mobilização negra que extrapolava o lugar e a época em que se encontravam.

Em 1976 Conceição iniciou a graduação em letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas teve de interrompê-la em 1980, já prestes a se formar, por conta do nascimento de sua filha Ainá, portadora de uma síndrome genética que comprometeu o seu desenvolvimento psicomotor. A escritora veio a retomar o curso e finalizá-lo em 1989, quando Ainá completou 9 anos de idade.

Nos anos 1980 Conceição fez parte do grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, criado no Rio de Janeiro em 1982. Sobre sua participação no grupo, Conceição conta:

Eu me lembro que a gente ia às comunidades... Não gosto desse termo, que eu acho que você muda o termo, mas a realidade é a mesma, né? A gente ia às favelas, ia aos morros, ia aos presídios, fazer recital nos presídios. Fora outros lugares também, biblioteca pública, a gente se encontrava no [IPCN]... E era interessante porque, justamente, você lidava com uma poesia que era uma poesia também do cotidiano, das suas coisas, das suas causas, era uma poesia que trazia também uma marca desse discurso nosso, desse discurso negro, desse discurso de... emancipação. E foi um momento muito fértil, tanto criação em si, quanto como militância. Realmente a gente... acreditava. (Evaristo, 2010).

Neste ponto, cabe retomar Alessandro Portelli, que atenta para o fato de que “fontes orais são fontes *orais*”, no sentido de que a versão transcrita de uma entrevista nunca dá conta de transmitir sua riqueza de significados. Segundo ele, “a transcrição transforma objetos orais em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação” (Portelli, 1991b, p. 47). Recupero essa observação porque a entonação e as pausas que Conceição emprega no trecho acima, as quais gravei com reticências, são bastante significativas. Chamam atenção os adjuntos adnominais “negro” e “de emancipação” como qualificadores do discurso do grupo, que fazem lembrar as reivindicações de transformação social mais profunda presentes na Carta de Princípios do Movimento Negro Unificado, datada de 1978 (González; Hasenbalg, 1982, p. 66). Atento também para o uso do verbo “acreditava”, no pretérito imperfeito e sem complemento. Ele indica uma crença em alguma coisa não dita, mas uma crença que ficou no passado, encerrada.

De fato, o grupo Negrícia encerrou suas atividades no fim da década de 1980. Podemos supor que a crença que Conceição deu por passada não se refere ao “discurso negro de emancipação”, mas à forma pela qual o Negrícia exercia esse discurso: por meio de uma espécie de ação direta literária, caracterizada pela ida a favelas, presídios, sindicatos etc. Se a década de 1980 foi marcada por mudanças nas formas de atuação do Movimento Negro, que se tornou cada vez mais institucionalizado, as organizações artísticas negras parecem ter acompanhado esse processo. É sintomático,

nesse sentido, que enquanto o carioca Negrícia encerrou suas atividades, o grupo paulista Quilombhoje, centrado na publicação dos *Cadernos Negros* e com um caráter muito mais institucional, tenha permanecido em funcionamento.

É possível dizer que a trajetória de Conceição Evaristo acompanha, em linhas gerais, as mudanças observadas no Movimento Negro contemporâneo. Após uma militância mais “direta” no grupo Negrícia, nos anos 1990 Conceição Evaristo se dedica à realização de seu mestrado em literatura brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), engrossando as fileiras de intelectuais negras/os que produzem conhecimento acadêmico contra-hegemônico nas universidades brasileiras. Sua dissertação, intitulada *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (Evaristo, 1996), mostra-se uma reflexão acadêmica crítica – em primeira pessoa – sobre a produção literária das/os escritoras/es negras/os brasileiras/os. Sobre a motivação que a levou ao mestrado, Conceição diz:

Quando eu fui fazer o mestrado, eu já tinha feito durante um ano [...] um curso de especialização na UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Eu me lembro que eu ia com a Ainá também, foi o momento que o meu marido tinha morrido. Então ir pro mestrado foi realmente querer fazer uma pesquisa [...] [sobre] essa produção [literária] negra. Porque desde a graduação eu já ficava observando a maneira da representação do negro na literatura brasileira, então esse foi um processo que eu vim realmente amadurecendo. (Evaristo, 2013).

É frequente que Conceição afirme em entrevistas que seu papel enquanto intelectual acadêmica está ligado à sua percepção da universidade como um lugar de disputas de poder. Segundo Conceição,

[...] mesmo quando as pessoas advogam que a academia não é um lugar de militância, ela é um lugar de militância. O intelectual está ali, os professores estão ali militando de alguma forma. Ou a favor do *status quo* ou contra, ou [ainda] por omissão. A academia não é um lugar neutro. (Evaristo, 2010).

É interessante observar, quanto a isso, que esse posicionamento foi consolidado após um “dilema muito grande”, nas palavras da autora:

Porque eu tinha saído de Belo Horizonte e a minha experiência tinha sido em movimento social e em movimento operário, também em movimento de domésticas. E eu achava que o meu espaço de militância, que o meu lugar de militância era no movimento social. Eu não acreditava, eu não via possibilidades ou até eu não valorizava que o espaço da academia pudesse ser um espaço de militância. Pra mim as coisas tinham que acontecer no mundo operário. Então quando eu fui fazer a graduação, eu me perguntava muito o que eu estava fazendo ali, me perguntava demais. (Evaristo, 2013).

A mudança de percepção sobre sua presença no campo acadêmico se deu a partir da noção de que era uma tarefa importante para a luta política na qual estava engajada problematizar o conhecimento acadêmico estabelecido:

[...] até eu perceber essa representação [estereotipada] do negro na literatura brasileira. Nesse momento [da graduação] eu já dava aula também, trabalhava como professora de primeira à quarta [série]. Então foi um momento muito importante pra mim, que eu começo a descobrir que o saber, e *esse saber que te legitima*, pra você ser uma *difusora do saber...* então eu comecei a perceber também que tinha sentido. E como eu começo a perceber isso? Na medida em que eu levanto algumas questões dentro da academia e eu noto que alguns professores se interessam e que alguns falam mesmo: ‘Eu nunca pensei sobre isso’. Então quando eu começo a colocar algumas questões dentro da academia, ao mesmo tempo que você cria uma certa rejeição por parte de alguns professores, você encontra também acolhida. (Evaristo, 2013; grifos meus).

Vale ressaltar, nesse trecho, a constatação da autora de que o saber acadêmico é uma fonte de legitimidade. O conhecimento crítico da questão racial brasileira e internacional não foi obtido por ela na academia, mas nos espaços de organização do Movimento Negro. Entretanto, é por meio do saber acadêmico – por ser o saber reconhecido pelo *status quo* –, que Conceição confere legitimidade a esse conhecimento vivencial e pode, assim, tornar-se sua “difusora”. Assim, conclui:

Hoje eu não tenho nenhuma dificuldade, eu tenho certeza que a academia é um espaço de militância também. Aquela questão de ‘saber é poder’. Eu tenho certeza que a academia é um lugar de militância, eu acho que as

pessoas oriundas das classes populares, elas têm que estar dentro da academia. Você tem que levar um outro discurso, um outro posicionamento, formas de saberes diferenciados, porque senão a academia vai continuar sendo... os produtores de saber serão sempre das classes privilegiadas. Hoje eu não tenho nenhuma dificuldade de encarar a academia como um espaço meu, que eu tenho que estar lá dentro com uma outra postura. (Evaristo, 2013).

Seguindo essa convicção, Conceição dedicou-se posteriormente ao doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), que completou em 2011.⁴

Além de dedicar-se à vivência acadêmica, é a partir dos anos 1990 que Conceição passa a publicar seus escritos. Considerando os conceitos de *campo* e de *trajetória* propostos por Pierre Bourdieu (2004, 2006), analisarei a seguir as posições ocupadas por Conceição Evaristo no campo editorial. Longe de querer fazer um mapeamento exaustivo da dinâmica de todos os campos nos quais a escritora se inseriu e se insere, procurarei deter o olhar sobre os processos de produção editorial de suas publicações literárias, evidenciando as relações entre os agentes envolvidos nesses processos. Perceber de que forma a autora estabeleceu sua rede de relações para realizar cada publicação pode ajudar a compreender o funcionamento do campo editorial da literatura negra e as estratégias utilizadas por intelectuais negros/as para viabilizar a difusão de sua obra.

Caminhos editoriais

No texto biográfico sobre Conceição Evaristo publicado no portal Literafro, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o ano de 1990 aparece como o marco da estreia da autora na literatura.⁵ Nesse ano foi publicado o poema "Vozes-mulheres" nos

4 Intitulada *Poemas malungos: cânticos irmãos* (Evaristo, 2011b), a tese compara textos de literaturas africanas de língua portuguesa e da literatura afro-brasileira através de autores como Agostinho Neto, Nei Lopes e Edmilson Pereira.

5 Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/dados.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

Cadernos Negros, editados pelo grupo Quilombhoje. Conceição, em entrevista, reafirma esse marco como sendo a data de sua primeira publicação, contando que escrevia textos literários desde a juventude, mas que durante muito tempo “não pensava em publicar” (Evaristo, 2010). A autora faz a ressalva, no entanto, de que já havia publicado uma crônica, ainda em Belo Horizonte, no fim da década de 1970, mas parece desconsiderar essa publicação ao afirmar: “[...] mas eu *realmente* só vou publicar nos anos 90” (Evaristo, 2010; grifo meu). Essa opção pelo marco do ano de 1990 como estreia na literatura é significativa, ainda mais se considerarmos a experiência da autora como escritora não publicada no anos 1980, quando era integrante do Negrícia.

Por meio desse grupo, Conceição estabeleceu contato com diversas/os artistas e militantes do Movimento não apenas do Rio, mas de outros estados. Foi a experiência do Negrícia que viabilizou sua participação na publicação do volume 13 dos *Cadernos Negros*:

Eu participava já com o grupo Negrícia, participava de recital, falava meus textos, mas tudo inédito. A professora UFRJ me falou do grupo Quilombhoje, mas eu não prestei muita atenção, até que Deley de Acari! Deley de Acari é que mandou meu endereço pra uma das meninas [ligadas ao Quilombhoje], Miriam Alves, também escritora. Ele deu meu endereço e depois veio [o convite]. (Evaristo, 2010).

Conceição atribui grande importância ao grupo Quilombhoje, não apenas em sua trajetória pessoal, mas no campo literário, de modo geral:

Eu digo que ele é um ritual de passagem pra muitos de nós. [...] O dia que os críticos de literatura brasileira estiverem mais atentos pra escrever a história da literatura brasileira, querendo ou não eles vão incorporar a história do grupo Quilombhoje. Tem que ser incorporada. Na área de literatura brasileira como um todo, é o único grupo que [...] tem uma publicação ininterrupta durante 33 anos. [...] Acho que quando surgirem historiadores, críticos que tenham uma visão mais ampla da literatura, vai ser incorporada. Essa é a dívida que a literatura brasileira tem com o grupo Quilombhoje. (Evaristo, 2010).

É possível perceber nesse trecho o significado atribuído pela autora ao fato de ter estreado e de ter seguido publicando textos nos *Cadernos Negros*.

Para ela, ter participado e, principalmente, *estreado na literatura* com uma publicação nos *Cadernos* a insere definitivamente na história da literatura negra brasileira e, mais amplamente, da literatura brasileira. O marco da primeira publicação localizado em 1990 carrega muito mais poder simbólico, para usar o conceito bourdieusiano, do que se fosse levada em consideração a crônica publicada em Belo Horizonte no fim dos anos 1970.

Como vimos, o ano de 1990, além de marcar sua estreia como autora publicada, é o início de uma década em que Conceição Evaristo deixa para trás a atuação no Negrícia e passa a ter uma atuação mais significativa dentro da academia. A vida acadêmica aumentou sua rede de relações com a intelectualidade negra: além de artistas e escritores/as, integravam-na agora pesquisadores/as e professores/as negros/as. Cabe a observação, nesse ponto, de que é comum que o limite entre a arte e a pesquisa seja tênue: escritores/as negros/as frequentemente produzem também reflexões de cunho acadêmico sobre a literatura negra brasileira.

Embora a intensificação dessa rede e a “dupla função” de escritora e acadêmica tenham conferido a Conceição uma posição de prestígio no campo intelectual negro brasileiro, a condição de gueto imputada à literatura negra dentro da literatura brasileira faz com que esse prestígio não signifique necessariamente privilégio. Isso fica claro quando observamos os processos de produção editorial dos livros lançados por Conceição.

Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* (Evaristo, 2003), é ainda sua obra mais conhecida e difundida, tendo uma edição em versão de bolso e uma tradução para a língua inglesa. A editora, Mazza, foi procurada por Conceição para realizar a publicação:

A Mazza eu já conhecia há anos, a pessoa Mazza [Maria Mazarello Rodrigues], a dona da editora, porque ela é mineira, eu também. [...] A editora Mazza teve uma importância muito grande na história do Movimento Negro porque foi a primeira editora a trabalhar [especificamente] com autores negros. Então eu [...] resolvi perguntar se ela não queria publicar *Ponciá Vicêncio*. Só que a Mazza não é uma grande editora, quer dizer, hoje está até maior, mas naquela época não era uma grande editora. Então, na verdade, ela aceitou publicar, mas eu tinha que bancar. Então eu fiz um empréstimo bancário, levei mais de um ano pagando, no vermelho, e publiquei *Ponciá Vicêncio*. (Evaristo, 2013).

No mesmo ano da publicação de *Ponciá*, foi promulgada a Lei nº 10.639, que determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do Brasil. Nesse contexto, e diante da boa recepção pela crítica literária e da crescente importância que Conceição adquiria no campo acadêmico, o romance passou a integrar em 2004 a bibliografia indicada para o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais. A indicação para o vestibular é o provável motivo para a edição de bolso feita em 2006 pela Mazza (menor e mais barata do que a publicação original, provavelmente voltada para estudantes).

O sucesso de *Ponciá* não fez com que o livro chegasse aos circuitos de distribuição mais amplos, como as grandes livrarias. Atualmente, é possível adquiri-lo em livrarias especializadas em temas afro-brasileiros, como a Kitabu, no centro do Rio de Janeiro, e em eventos como a Primavera dos Livros, promovida pela Libre (Liga Brasileira de Editoras), uma organização de editoras independentes que reúne editoras universitárias e de pequeno e médio porte, da qual a Mazza é membro.⁶ Por outro lado, a posição de prestígio que Conceição ocupa no campo intelectual negro brasileiro viabilizou a difusão internacional de sua obra. Foi por conta de um evento acadêmico para o qual foi convidada a fazer uma comunicação que surgiu a possibilidade de lançar uma edição de *Ponciá Vicêncio* em inglês. Elzbieta Szoka, fundadora da editora norte-americana Host Publications e professora de literatura da Universidade de Columbia, veio ao Brasil para um seminário sobre mulheres e literatura, em Belo Horizonte, do qual Conceição fora convidada para participar, juntamente com Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves – a escritora do grupo Quilombhoje envolvida na publicação de seu primeiro texto nos *Cadernos Negros*. Esse encontro resultou na publicação de textos das três brasileiras na coletânea intitulada *Fourteen female voices from Brazil* (Szoka, 2003); Conceição Evaristo participou da obra, editada pela Host, com o conto “Ana Davenga”, publicado anteriormente nos *Cadernos*.⁷ Diante da boa recepção do conto pelo público norte-americano, a Host realizou em 2007 a tradução para a língua inglesa de *Ponciá Vicêncio* (Evaristo, 2007), que hoje se encontra na segunda tiragem. Esse cenário de aceitação de *Ponciá* resultou ainda num convite da Mazza em 2006 para publicar mais um romance de

6 Disponível em: <<http://www.libre.org.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

7 “Ana Davenga” está publicado no 18º número dos *Cadernos Negros* (Evaristo, 1995) e em Szoka (2003).

Conceição, *Becos da memória* (Evaristo, 2006). O livro havia sido escrito em 1988, ano do centenário da abolição, quando houve uma movimentação sem sucesso do Instituto Palmares para publicá-lo.

Após a publicação de *Becos da memória*, Conceição lançou em 2008 pela editora Nandyala a coletânea *Poemas de recordação e outros movimentos* (Evaristo, 2008), edição que teve que bancar integralmente. Quando questionada do porquê da mudança de editora, Conceição afirmou que, além de diversificar sua experiência de publicação, era uma forma de fortalecer uma nova editora voltada para a temática afro-brasileira. Enquanto a Mazza foi fundada em 1981 e compõe a Libre, a Nandyala foi fundada em 2006 por Íris Amâncio, escritora negra e professora adjunta do departamento de Letras da Universidade Federal Fluminense, onde Conceição realizou seu doutorado:

A Íris estava surgindo no mercado, era uma outra mulher negra que estava também com uma editora [...]. Porque é muito difícil você se afirmar no mercado, né? Mas quanto mais editoras existirem, [melhor]. Essas editoras pequenas [travam] uma luta desigual com uma Companhia das Letras, por exemplo. (Evaristo, 2013).

Em 2011, Conceição publicou uma coletânea de contos também pela Nandyala, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (Evaristo, 2011a), custeando 60% da produção do livro (o restante ficou a cargo da editora).

Nota-se, a partir da análise dos caminhos editoriais percorridos por Conceição Evaristo, as dificuldades enfrentadas pela autora para publicar sua obra, a despeito da importante posição ocupada por ela no campo intelectual negro. Isso acontece porque ser uma escritora negra brasileira de prestígio significa ser uma escritora *negra brasileira*, isto é, ocupar um lugar importante dentro de um campo que, por sua vez, está em uma posição subalterna no campo mais amplo da literatura brasileira. É sintomático, portanto, que Conceição tenha ainda que pagar por parte da edição de seus livros, como ocorreu com *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Essa situação revela o lugar de gueto que a literatura negra ainda ocupa dentro do campo editorial amplo, bem como a posição problemática da literatura negra em relação à literatura brasileira.

Além disso, foi possível perceber como o envolvimento de uma série de agentes no processo de produção editorial pode se dar na base das relações interpessoais. Esse quadro pode ser melhor compreendido se considerarmos

alguns aspectos da história do campo editorial. Roger Chartier afirma que, desde o século XIX até recentemente, as editoras têm sido caracterizadas por uma “natureza pessoal”, segundo a qual os editores “imprimem uma marca muito pessoal à sua empresa”, inventando “novos mercados (novos ‘nichos’, diríamos hoje)” (Chartier, 1999, p. 51-52). De fato, tanto a Mazza quanto a Nandyala são reconhecidas pelos escritores e pelos leitores em relação à personalidade da pessoa-editora, respectivamente as intelectuais negras mineiras Maria Mazarello Rodrigues e Íris Amâncio. Ambas as editoras foram fundadas com o intuito de proporcionar um espaço editorial – previamente inexistente ou muito pequeno – para difundir textos sobre assuntos afro-brasileiros e de autoria de pessoas negras.

Pequenas editoras como essas, cuja especificidade é seu recorte temático de cunho político, enfrentam uma recomposição recente do campo editorial, na qual figuram as grandes editoras que Chartier caracteriza como “empresas multimídia, de capital infinitamente mais variado e muito menos pessoal” (Chartier, 1999, p. 51-52). Essas grandes empresas editoriais operam com outra lógica de mercado, sem uma definição ideológica pública, como no caso das editoras negras. A classificação proposta por Gustavo Sorá (1997) pode ajudar a caracterizar esses dois tipos de editoras: de um lado, as “empresas comerciais”, “orientadas por investimentos seguros a curto prazo”; de outro, as “empresas culturais”, “orientadas por investimentos arriscados a longo prazo”. Essa diferença se manifesta

nos gêneros tratados, nas concepções de autor, nas tiragens, nos estilos de lançamentos de títulos, nos circuitos de difusão utilizados, nas estratégias de reedição e, fundamentalmente, nas formas de adquirir textos, de se relacionar com os escritores, com seus leitores e com os leitores que pretendem alcançar. (Sorá, 1997, p. 154).

Podemos considerar, portanto, as editoras negras como empresas culturais que, considerando-se a concorrência com as empresas comerciais, enfrentam enorme dificuldade de distribuição e mesmo de manutenção da própria existência. Se o mercado editorial é, antes de tudo, um *mercado*, as empresas editoriais comerciais permanecem com as vantagens materiais de produção e circulação.

Considerações finais

Busquei até aqui apresentar e analisar a trajetória de Conceição Evaristo, tecida a partir de seus depoimentos. Com isso, pode-se perceber de que forma ela experimentou as relações de gênero, classe e raça, bem como o sofrimento resultante da complexa desigualdade social associada a essas relações. Além disso, percebeu-se que sua trajetória acompanhou, em linhas gerais, o desenvolvimento histórico do Movimento Negro. É possível identificar na década de 1980 uma primeira fase da militância de Evaristo, cuja atuação política se dava de forma mais “concreta”, no sentido de que a autora estava presente fisicamente em saraus, leituras de poesia e debates em espaços populares, em diálogo direto com seu público-alvo: a população negra, entre militantes e aqueles/as que se pretendiam conscientizar para a militância. Num segundo momento, a década de 1990, que coincide com o fim do grupo Negrícia, com a publicação de seu primeiro texto nos *Cadernos Negros* e com seu ingresso no mestrado, Evaristo passa a ter uma atuação mais significativa dentro da academia. Nesse momento, ela se individualiza na militância, ao mesmo tempo em que ascende no campo intelectual: a autora, principalmente na última década, tem ganhado cada vez mais destaque como escritora negra brasileira, e tornou-se uma das grandes referências na história da literatura negra brasileira.

O caráter acentuadamente acadêmico da atuação de Conceição a partir da década de 1990 pode ser relacionado ao contexto mais amplo do Movimento Negro. Se nos anos 1980 o Movimento era mais forte nas ruas, na década seguinte, principalmente a partir da nova Constituição Civil de 1988, as lutas parecem ter passado a ser travadas principalmente em marcos institucionais, tendo as movimentações nas ruas ficado menos evidentes. Com a incorporação de determinadas demandas à Constituição, o Movimento passou a cobrar a aplicação dessas medidas e sua ampliação. Como exemplo, temos a mobilização das comunidades remanescentes de quilombos que vêm reivindicando a titulação das terras em que vivem por meio do artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição de 1988.

Em um segundo momento do artigo, procurei deter o olhar sobre os processos de produção editorial das publicações literárias de Conceição, com o objetivo de observar um pouco do funcionamento do campo editorial da literatura negra e das estratégias utilizadas por intelectuais negros/os para

viabilizar a difusão de sua obra. Conclui-se que, diante da complexa realidade mercadológica do campo editorial, autores/as negros/as enfrentam dificuldades específicas em uma sociedade que nega a própria existência do racismo em seu seio, atuando, assim, para reproduzi-lo.

Referências

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo (Org.). *Histórias do movimento negro no Brasil*: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. O texto: entre o autor e o editor. In: _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CONTINS, Márcia. *Lideranças negras*. Rio de Janeiro: Aeroplano; FAPERJ, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. O negro no mundo dos negros. In: _____. *Uma História Não Contada: Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. *Cadernos Negros*, São Paulo, v. 18, 1995.

_____. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: COLÓQUIO DE ESCRITORAS MINEIRAS, 1, 2009, Belo Horizonte. Cópia cedida pela autora.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011a.

_____. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

_____. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. *Poemas malungos: cânticos irmãos*. 172 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – UFF, Niterói, RJ, 2011b.

_____. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. _____. Austin: Host Publications, 2007.

GONZÁLES, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HANCHARD, Michael George. *Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

PORTELLI, Alessandro. The best garbage man in town: life and times of Valtèro Peppoloni. In: _____. *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning of oral history*. Albany: State University of New York Press, 1991a.

_____. What makes oral history different. In: _____. *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history*. Albany: State University of New York Press, 1991b.

SILVA, Andréia Rosalina. *Associação José do Patrocínio: dimensões educativas do associativismo negro entre 1950 e 1960 em Belo Horizonte, Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte, MG, 2010.

SORÁ, Gustavo. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 151-181, out. 1997.

SZOKA, Elzbieta (Org.). *Fourteen female voices from Brazil*. Austin: Host Publications, 2003.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1.

Fontes orais

EVARISTO, Conceição. *Depoimento*. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

_____. *Depoimento*. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 15 jan. 2013.

Resumo: No presente artigo, procuro analisar a trajetória da escritora negra mineira Conceição Evaristo, com base em duas entrevistas que fiz com ela e em um depoimento que escreveu. Para tanto, considerei desde suas experiências com as crueldades do racismo na infância até as diferentes estratégias que tem utilizado para combatê-lo. Creio ser possível afirmar que a trajetória desta autora acompanha, em linhas gerais, as mudanças observadas na história do Movimento Negro contemporâneo no Brasil. Nesse sentido, pode ajudar a compreender a atuação militante de escritores/as negros/as na contemporaneidade, suas conquistas e seus desafios em uma sociedade ainda marcada pela discriminação racial. Busquei, ainda, perceber de que forma Conceição estabeleceu uma rede de relações para viabilizar suas publicações, com o objetivo de compreender alguns aspectos do funcionamento do campo editorial de literatura negra.

Palavras-chave: Movimento Negro, literatura negra, mulheres negras, Conceição Evaristo.

“Escrevivência”: Conceição Evaristo’s trajectory

Abstract: In this article the trajectory of Conceição Evaristo, a Black writer from Minas Gerais, Brazil, is analyzed through two interviews she gave to me and a testimony she wrote. For this, I have considered her experiences with the cruelty of racism during her childhood, as well as the different strategies she has been using to fight racial discrimination. It is possible to state that this author’s trajectory follows the overall changes that have occurred in the history of the contemporary Black Movement in Brazil. Thus, analyzing her trajectory might help to understand Black writers activism in contemporary times, as well as their accomplishments and challenges in a society marked by racial discrimination. I also sought to understand how Evaristo established a relationship network to make her publications possible; this might help us to comprehend some aspects of how the editorial field of Black literature works.

Keywords: Black movement; Black literature; Black women, Conceição Evaristo.

Recebido em 1º/04/2014

Aprovado em 31/07/2014